

DIAMANTINA, MG, 9 DE FEVEREIRO DE 1995

Eu acho que nós temos que valorizar muito a questão do ensino, da educação. Quero que o Brasil inteiro, mas inteiro mesmo, participe do esforço, que não é para o Governo, não: é para o País, para o nosso futuro. Eu vim aqui para vê-los, e, na medida do possível, dentro das minhas limitações, que não sou especialista na matéria, sou professor, mas não em educação – o Ministro da Educação está aqui presente, o Governador também –, podermos ter uma conversa absolutamente aberta. Mas que ninguém tenha nenhuma expectativa diferente para ouvi-la. Na medida do possível, o que for possível fazer, dentro do nosso espírito – que é um espírito de seriedade, de cooperação e sem demagogia –, nós vamos fazer para melhorar não só a educação, mas a vida dos professores.

Gostaria muito de ouvi-los.

Muito obrigado.

[Segue-se intervenção de uma professora]

Ouvi atentamente a exposição feita pela colega. Em primeiro lugar, quero agradecer as referências, mais do que a mim, ao fato de que realmente é necessário que o Governo da República venha aos professores, converse com eles, não para enrolar, mas para ver quais são os problemas e para, juntos, discutirmos as possibilidades de melhoria. Mas, de qualquer forma, agradeço as referências que me foram feitas também pessoalmente.

Vocês poderiam dizer que os problemas colocados já deveriam ser conhecidos por nós. E o são. Mas não se trata de conhecer problemas. A colega disse que precisava mudar as coisas, precisava criar um ambiente de esperança. Utilizou até uma frase bonita: “O Vale do Jequitinhonha, que era conhecido como ‘Vale da Miséria,’ poderia passar a ser o vale da esperança”, não pela minha presença aqui, mas pela nossa presença, pela presença de todos nós, do Governador, do Ministro, do Prefeito, dos professores, dos educadores, porque ou se faz em conjunto, ou não se faz. Não há milagre em nada, em matéria social; em nada. Há trabalho, há consciência, há responsabilidade. Sobretudo, é preciso afastar a demagogia.

É muito fácil prometer, mas depois não se cumpre. É muito fácil concordar com tudo, e depois há uma desorganização geral. Estou vindo de uma experiência dura. Fui Ministro da Fazenda e levei quase um ano brigando com o Congresso, com os partidos, com os setores organizados da opinião, porque eu dizia: “Não dá para fazer o tal aumento agora, não pode ser agora, até fazermos o Real.”

Hoje, fui à Bahia, a Santa Maria da Vitória. No dia 10 de julho, fui lá depois do Real e, pela primeira vez na minha vida, vi que o povo mais simples vinha falar com o Ministro com uma nota na mão para dizer “Segura o Real”, em vez de ser para dizer que todo o mundo era corrupto. Tinha mudado o significado do dinheiro. Para isso, eu briguei muito e disse “não” muitas vezes.

Muitas vezes ouvi gritos: “Mas não é possível um Ministro que tem um passado ligado ao povo agora estar contra.” Nunca estive contra, como não estou agora. Mas tenho consciência da minha responsabilidade. Então, eu digo “não” quando acho que é necessário dizer, para poder dizer um “sim”, amanhã, que tenha firmeza, que seja para valer.

E, hoje mesmo, lá de novo, as pessoas de novo disseram a mesma frase: “Segura o Real.” Eu vou segurar o Real, porque não adianta prometermos, fazermos e desmoralizarmos tudo com a inflação, com a desordem, com a corrupção. Isso não pode servir de pretexto para não fazermos as coisas necessárias e possíveis já, porque há coisas possíveis e necessárias já. Na televisão, me perguntaram, ao pisar aqui, em Diamantina, o que é que nós trazíamos para Minas, ou para a escola, agora que estamos reiniciando o ano letivo. Pois bem, o Ministro Paulo Renato, que tem sido de uma eficácia extraordinária, e não me surpreende, já fez uma mudança importante: o salário-educação será diretamente entregue às escolas, para que as escolas possam, no Conselho Educacional, juntamente com os pais, com os professores, com a diretora, decidir de que precisam.

Uma escola precisa de ter mobiliário novo, outra tem de comprar mais giz colorido, outra precisa de avental para alguém que trabalhe nela. Isso, lá de Brasília, ninguém pode saber; nem o Secretário da Educação, nem o de Belo Horizonte pode saber.

Agora, nós, do Governo Federal, temos que transferir recursos, liberar mais recursos ao Governador Eduardo Azeredo, para que ele possa dar os passos necessários e nós cheguemos ao que foi pedido aqui, a um piso salarial condigno.

Nós vamos chegar lá, precisamos chegar lá, mas temos que chegar lá com um dinheiro que valha, porque o dinheiro que mando fabricar não vale nada. Eu prometo, faço, pago a vocês – e o dinheiro, no dia seguinte, não vale. Isso é mentira, é embrulhação, é enganação. Isso nem eu nem o Eduardo faremos. Mas faremos o que for necessário e possível, explicando por que é que pode isso, por que é que não pode aquilo, pedindo ajuda para que possamos mais.

Mas a situação do professor não é só salário – eu sou professor, fui a vida inteira. Não é só salário. Tem outras coisas que a gente precisa ver também. Nós temos que nos treinar melhor, nós temos que estar mais bem preparados.

Quando disse hoje, lá, em Santa Maria, que eu estava um pouco angustiado – porque nunca eu tinha dado uma aula para criança –, não falei da boca para fora, porque dar aula para criança no curso

básico é uma coisa que precisa de uma especialização, que eu não tenho, o Paulo Renato não tem, o Eduardo não tem. E vocês têm. Isso tem que ser valorizado. Cada um de nós tem a sua especialização, mas todas valem igualmente. É difícil dar uma aula para criança, é difícil motivar a criança, é difícil ensinar a ler, é difícil fazer com que fiquem sentadas, é difícil, enfim, dizer ao pai, à mãe que a criança tem que estar na escola.

Numa expressão, é um tipo de sacerdócio a profissão. Isso quer dizer a mesma coisa, é uma vocação. No fundo é um apelo que você precisa ter dentro de você para poder ser um bom professor. Não é só salário, é mais do que salário. Não se pode trocar: “Tem-se que ter dedicação, e não salário.” Não, não. Tem que ter salário. Mas não basta. Também tem que ter aquela chama interior que faz com que você se sinta ligado ao que você está fazendo. Você tem que ter, portanto, condição boa de trabalho. Não basta ter salário. É preciso ter condição boa de trabalho, é preciso ter dignidade e respeito, é preciso que o Presidente da República diga, como estou dizendo, que respeita o professor primário. Por isso estou aqui. Não só eu. Nós todos. Nós temos que sentir que há uma valorização, não da boca para fora, mas real, da tarefa do professor; e temos que treinar os professores.

Eu me recordo, quando era jovem assistente da USP, Universidade de São Paulo, de que todo ano, nas férias da universidade, havia um curso de reciclagem de professores – e, naquele caso, eram secundários –, que vinham durante as férias para nós ensinarmos algumas técnicas a fim de que eles voltassem às escolas e pudessem ser promovidos na carreira. Tem que haver carreira. Carreira não é uma coisa que acontece só quando o tempo passa. As pessoas têm que ir melhorando à medida que se aperfeiçoam, e nós temos que dar condições para que o professorado melhore, se aperfeiçoe.

O Brasil é imenso, como vocês sabem. Quantos são os professores no Brasil? Dois milhões. Isso é inatingível por meios convencionais. Daí a importância que estamos dando à educação a distância, pela televisão, não à educação para criança, mas para treinamento do professor, para que ele possa se tornar melhor. Eventualmente à criança

também, mas o fundamental é o professor, para que ele tenha uma formação mais adequada.

Portanto: salário, valorização, respeito, treinamento adequado, motivação, carreira, que não seja só o passar do tempo; e responsabilidade, porque a sociedade paga, a sociedade quer também de nós responsabilidade. E nós a temos, mas precisamos dar cada vez mais de nós mesmos para que possamos cumprir aquilo que o País espera de nós.

É fácil? É difícilimo. Mas o Brasil conseguiu, bem ou mal, uma situação, hoje, em que precisamos é de um passo, que não é mais quantidade. Eu ouvi a questão das verbas da educação. Não é só isso. As verbas têm que ser mais bem gastas. Quando a gente olha, como eu olho, o global do orçamento, não vê tanto escassez de dinheiro: vê má utilização do dinheiro. Não me refiro à corrupção, não. Também há, mas não é isso, não. É que se gasta onde não se precisa, gasta-se onde não é necessário, e fica faltando fazer o que é necessário. Então, é preciso que quem tem a responsabilidade de ser o gestor do dinheiro público preste atenção no que ele vai gastar.

O prédio pode ser simples. Eu fui professor em muitas universidades pelo mundo afora. Conheço algumas famosas, às vezes mais simples do que as nossas, mas tinham professor valorizado, tinham material para fazer a pesquisa e tinham livro, como nós, aqui. Por isso mesmo, valorizamos o livro. Sabemos também que é preciso desburocratizar. Acabei de dizer, na televisão, o que me disse o Ministro Paulo Renato: Minas foi escolhida para ser o primeiro estado no qual a compra e a distribuição dos livros escolares serão feitas nele próprio, e não mais em Brasília.

Vamos passar o recurso para cá, para que vocês participem diretamente da escolha e da compra desse material escolar. E, para isso, nós temos de aumentar o grau de responsabilidade, naturalmente, das unidades escolares, das escolas. Temos aí um sistema permanente de avaliação do desempenho de todo o mundo, porque, na sociedade democrática e moderna, ninguém está isento de ser avaliado. Nós somos avaliados todo o dia. Isso são formas de avaliar, mas também o professor tem que ser avaliado, como o aluno é avaliado. Avaliado não para dizer que

foi reprovado, foi aprovado. Não é isso. Onde é que está a falha? Vamos melhorar. Identifica-se a falha para motivar melhor, para ir adiante.

As tarefas são muitas e as possibilidades de atendimento são sempre limitadas. Então, num país como o nosso, de repente, por causa mesmo dos meios de comunicação, a população mais pobre já sabe que há abundância noutros lugares, e ela deseja abundância, com razão; só que não há os meios para chegar lá. Isso dá sempre a impressão da sua quase-impossibilidade. Mas não é impossível.

Hoje, o Brasil dispõe de salas de aula praticamente para todas as crianças em idade escolar. Alguns bolsões mais pobres ainda não têm, mas muitas vezes a escola é mal localizada, e, por outro lado, o estudante entra na escola e repete o ano, repete o ano, repete o ano, vai embora e sai. A evasão escolar é o maior problema. Repetência e evasão escolar.

Isso não é culpa do menino. É nossa. Nossa, do Governo; nossa, de nós professores; nossa, da administração; nossa, dos pais de família, que não temos, no conjunto, conseguido, às vezes, a motivação ou as condições de meio ambiente e de bem-estar para que a criança possa realmente assimilar aquilo que lhe é ensinado, e a criança fica, às vezes, marcada e à margem da sociedade pelo fato de que não consegue passar de ano.

Então, o salto agora não é o da quantidade só, é o da qualidade. Não basta mais a quantidade. Nós temos professores, nós temos escolas. Não é tudo uma maravilha, mas temos. Agora, temos que melhorar a qualidade. E aí o ponto central é o professor. Não é o estudante, não é o inspetor, não é o político, não, não. É o professor.

Ou isso se faz de forma que realmente organizemos e motivemos a sociedade para entender esse processo, ou não vamos dar o grande salto do Brasil. O futuro depende disso.

Os famosos Tigres Asiáticos – o Japão, primeiro – generalizaram a educação, a tecnologia e tal. Agora eles estão riquíssimos. Aqui se quis fazer um outro caminho. Resultado: temos escolas de excelência, concentramos o saber. Aqui, não concentramos só a riqueza. No Brasil, não. O saber também. E um país próspero não pode ter nem a riqueza e nem o saber concentrados. Tem que haver uma distribuição da riqueza

e do saber. E vêm juntos, porque ninguém vai progredir na vida se não tiver informação – e vai cada vez menos.

Então, se queremos democratizar, como queremos, no Brasil, é pela educação. Não é – é modo de dizer – não dar salário, mas é pela educação. Se não houver educação generalizada, de boa qualidade, não vai haver oportunidade para as pessoas, mais adiante, terem uma participação mais ativa no sistema econômico.

A professora que fez a exposição em nome das demais falou em internacionalização da economia. É verdade isso. Hoje há uma globalização. O que houve é um desafio muito grande, porque globalização não quer dizer que fiquemos passivos, assistindo ao que ocorre. Mas, se não atuarmos rapidamente, vamos ser passivos, porque os outros descobrem tecnologias novas, outros avanços, e, como está tudo interconectado, nós ficamos nessa enorme interconexão sem nenhuma proteção. A proteção nossa é o saber, a proteção nossa é a nossa capacidade de decisão própria, de termos discernimento para dizer: “Sim, é isso e não é aquilo.” Mas não podemos mais nos fechar. Nós estamos expostos aos ares do mundo – e é bom que estejamos. Mas, para enfrentar os ares do mundo, temos que ter capacitação.

Então, não quero fazer nenhum discurso. Vim aqui só para o Brasil mesmo ver com clareza e atenção a questão da educação. Nós vamos, no Governo, fazer um enorme esforço e dar uma atenção enorme à educação, dentro dos recursos disponíveis, sem prometer milagre. Mas podem ter a certeza de que estamos falando com convicção, estamos resolvendo a nossa vida na crença de que é possível mudar o Brasil de maneira democrática, de maneira que motive as pessoas. Enfrentemos as dificuldades, que nós vamos sair no outro lado de uma maneira boa para o nosso povo, para o nosso país e para o futuro de todos nós.

Muito obrigado.

